

O Museu de Bagdade

Receptáculo de mais de cinco mil anos de cultura mundial

A Guerra do Iraque e, mormente, o violento, irracional e insensato saque do Museu Nacional de Arqueologia de Bagdade roubaram-nos de uma componente importante da herança cultural humana. Além disso, a Biblioteca Nacional, a Biblioteca Islâmica e os Arquivos Nacionais do Iraque foram barbaramente incendiados.

The looting of the Iraq National Museum and other art and archeology museums in Iraq is a tragedy of vast proportions to the Iraqi people, and to all those who care about understanding our shared human heritage.¹

Quinze lustros após a descoberta acidental e muito imprevista de uma tumba num campo sírio,² do achamento casual de uma parte importante da já desenterrada cidade de Mari³ e do descobrimento inesperado dos famosos Manuscritos do Mar Morto,⁴ uma outra ocorrência abalou as consciências humanas, deixando-as destruídas, desesperadas e completamente órfãs. Desta vez nada foi descoberto, mas antes, muito foi perdido, destruído ou roubado. Contrariamente aos acontecimentos anteriores, contingências essas que levaram a

¹Jeremy A. Sabloff, Director do Williams Museum, University of Pennsylvania Museum, in "An Introduction to this Site." *The Cultural Heritage of Iraq*. <<http://www.museum.upenn.edu/new/research/iraq/overview/shtml>>.

²Abrindo, assim, as portas da antiga civilização de Ugarit, cidade fenícia do II milénio antes da Era Vulgar.

³Situada na margem direita do Eufrates, a qual, entre o IV e o III milénio antes da Era Vulgar servira de capital das Hurri.

⁴Os Manuscritos do Mar Morto, que contribuíram para esclarecer a evolução do Antigo Testamento, cobrem o período que decorre desde a época bíblica até ao século III antes da Era Vulgar. Além disso, esses rótulos deram mais significado à exegese e hermenêutica bíblicas, assim como aos antigos rituais hebraicos. Sobre os Manuscritos do Mar Morto em geral, vejam-se, entre outros: Millard Burrows. *The Dead Sea Scrolls*. Nova Iorque: Viking Press, 1955; Theodor Herzl Gaster. *The Dead Sea Scriptures in English Translation*. 1956. Garden City, NY: Anchor Press, 1976; Géza Vermès. *Discovery in the Judean Desert. The Dead Sea Scrolls and their Meaning*. Nova Iorque: Desclee, 1956.

Joseph Abraham Levi
Rhode Island College

Humanidade inteira mais perto das suas origens civilizadas, o saque, a pilhagem e a destruição massiva de milhares de obras de arte contida no Museu Nacional de Arqueologia de Bagdade — assim como objectos destruídos na Biblioteca Nacional, na Biblioteca Islâmica e nos Arquivos Nacionais do Iraque — igualaram o *homo sapiens* a um ser selvagem, brutal e inculto, nomeadamente, a uma fera selvática sem discernimento ético, sem absoluto respeito para com o próprio passado histórico.

Se bem que os ledos eventos de 1928 tivessem sido precedidos por outras tantas descobertas importantes entre o *fin du siècle* e o começo do século XX, esses três encontros fortuitos tiveram um significado particularmente importante para o orbe inteiro, quer no campo histórico-arqueológico, quer naquele cultural, ambos inestimáveis.⁵ De facto estes acontecimentos fizeram de maneira que o Mundo olhasse para a Meia-Lua Fértil, sobretudo a Mesopotâmia, com olhos particulares, nomeadamente, com grande comoção, temor e, ao mesmo tempo, muito respeito: estava-se, pois, perante o berço cultural do *homo civilizado* e, enquanto tal, esta era a nossa história, a história de toda a Humanidade, onde podíamos finalmente traçar os nossos primeiros passos naquilo que foi o longo caminho em direcção da “civilização humana”, infelizmente ainda não alcançada e talvez, dada a nossa índole bárbara, nunca alcançável.⁶

Fundado na segunda década do século XX, ou seja, poucos anos depois da fundação do hodierno estado do Iraque, o Museu Nacional do Iraque foi súbita e logicamente escolhido como receptáculo de milhares e milhares de objectos de arte, mesopotâmicos assim como de zonas limítrofes. Artefactos pré-históricos — datáveis entre o sexto e o quarto milénio antes da Era Vulgar — uniram-se a obras sumerianas (quarto – terceiro milénio antes da Era Vulgar), assírias (segundo milénio – século VI antes da Era Vulgar), hatrenas, párticas e sassânidas (século III antes da Era Vulgar – século III da nossa era) e, por fim, da era islâmica (século VIII – século XVI). Estes objectos antigos não eram só curiosidades etnográficas, sobretudo da área geográfica em questão, mas antes, eram o fruto de inúmeros dias, meses e anos de trabalho, de escavações e estudos pormenorizados efectuados por arqueólogos, antropólogos, linguistas, filólogos e historiadores cujo único alvo era aquele de reconstruir a história e, muito provavelmente, a génese da Humanidade assim como esta última fazia os seus primeiros passos quer no campo político-social, quer naquele artístico-literário.

Em pouco mais de quarenta e oito horas entre cem mil e cento e setenta mil objectos desapareceram ou foram irreparavelmente destruídos, traduzindo-se “em perdas irreparáveis para o conjunto da Humanidade”.⁷ Os trágicos acontecimentos do 12 de Abril de 2003 destruíram objectos de Ugarit, cidade com mais de quatro mil anos de história, centro de intercâmbios culturais entre o Médio Oriente e o Mediterrâneo, sobretudo as ilhas e os arquipélagos banhados por este mar. Outras obras, ao invés,

⁵Para mais informações, vejam-se, entre outros: C.-F. Jean. *Six campagnes de fouilles à Mari 1933-1939. Synthèse des résultats*. Tournai: Casterman, 1952; Robert de Langhe. *Les textes de Ras Shamra-Ugarit et leurs rapports avec le milieu de l'Ancien Testament*. 2 vols. Gerbloux: J. Duculot, 1945; Gerald Lankester Harding. *The Times*, 9 de Agosto de 1949; André Parrot. *Mari, une ville perdue*. Paris: Éditions “Je Sers,” 1945; C Virolleaud. *La légende phénicienne de Daniel*. Paris: P. Geuthner, 1936. 1-5.

⁶Esta área é comumente comparada a um grande arco a abranger as zonas entre os vales ribeirinhos da Mesopotâmia e do Egipto, obviamente juntados entre si da região sírio-palestina. Em si este espaço geográfico-político é a faixa mais produtiva do Médio Oriente, ponte entre a Anatólia e o Irão, de um lado, e a África e o Mediterrâneo, do outro.

⁷“Manifesto Contra a destruição do património histórico do Iraque. Luto nos museus de todo o Mundo”, in *Museu Nacional de Arqueologia*, <<http://mnarqueologia-ipmuseus.pt/?a=17&x=3>>.

provinham da antiga Mari, a qual desvendou os segredos de uma outra grande cidade da antiguidade, outrora a controlar uma considerável parcela da Mesopotâmia. Os mais de vinte mil documentos que ajudaram a reescrever a história da Ásia Ocidental, sobretudo durante a primeira metade do II milénio antes da Era Vulgar encontram-se agora reduzidos, decimados, perdidos no pó, sem abrigo permanente.⁸ A mesma sorte encontraram inúmeros vasos e objectos vasiformes, simples ou decorados, de alabastro ou de simples barro, provenientes de Ur, Uruk, Lagash, Nimrud, Hatra, ou de Tell Ubaid.

Das estátuas, dos bustos, das rosetas e de todo o arsenal estatuário, do mármore à pedra calcária — por um total de mais de quinhentas peças —, quase nada nos resta.⁹ Por exemplo, o ouro a revestir uma lira parcialmente reconstruída de Ur foi completa e barbaramente esfolado para satisfazer a sede ávida e insaciável dos bens materiais.

Da antiga Uruk, ao invés, desapareceram, entre outros, um vaso de alabastro em relevo (c. 3100) e uma cabeça de uma estátua de mulher (c. 3100). Convém também recordar que os Sumerianos foram os primeiros seres humanos a compor — difundido posteriormente em língua acádica —, obras épicas, incluindo o famoso ciclo poético da antiga Suméria, também noto pelo nome do seu herói mítico Guilgamech, rei de Uruk.¹⁰

De Tell Ubaid o saque privou-nos de uma roseta em pedra colorida (c. 2500) e de um touro de cobre (c. 2500). Nimrud e Hatra parecem ser as localidades que mais sofreram perdas: a primeira cidade, por exemplo, viu desaparecer um leão de marfim (c. 850-750), um puxador estilizado a representar duas mulheres descamisadas, as costas de uma cadeira em marfim com cinco figuras e as costas de uma cadeira em marfim com o símbolo do deus-sol (850-750). Hatra, ao invés, viu-se diminuída das seguintes peças: a cabeça de uma estátua da época de Trajano (c. 106-117), uma estátua de mármore de Posídon (c. 160), uma cabeça de mármore de Apolo, já parcialmente destruída (c. 160), uma estátua de mármore de Eros (c. 160), uma cobertura de uma urna de mármore, uma cabeça em pedra calcária de óbvio estilo pártico, uma cabeça em bronze de Niké e uma cabeça, parte de uma estátua de mármore de uma deusa sentada.¹¹

⁸ Para as melhores edições e traduções dos antigos textos de Mari consultar: Jean Bottéro e André Finet. *Répertoire analytique des tomes I-V*. Paris: Impr. Nationale, 1954; Georges Dossin, C.-F. Jean, J. R. Kupper e Jean Bottéro, eds. *Archives royales de Mari*. 8 vols. Paris: P. Gunther, 1941-1957; Albrecht Göetze. "On the Chronology of the Second Millennium B.C." *Journal of Cuneiform Studies* 11 (1957): 53-61; 63-73; Petrus Emmanuel van der Meer. *The Chronology of Ancient Western Asia and Egypt*. 1955. Leida: E. J. Brill, 1963; André Parrot. *Mari. Documentation photographique de la mission archéologique de Mari*. Neuchâtel, 1953.

⁹ A Interpol — junto com outras entidades internacionais, privadas assim como públicas —, mantém um site na Internet onde constantemente afixa informações, acompanhadas por fotografias, sobre todas as obras de arte que foram roubadas com a esperança de que, se um dia uma destas aparecerem no mercado internacional, o público a reconhecerá e os culpados poderão ser devidamente julgados. Para mais informações, vejam-se os seguintes sites: "Cultural Property Stolen. Iraqi Art", <<http://www.interpol.com/Public/WorkOfArt/Iraq/Gallery.asp>>; "Iraq Museum - List of Missing Objects (to May 1)", <http://icom.museum/iraq_missing.html>. Também de interesse são as páginas: "Resources on Iraqi Museum Collection", <<http://icom.museum.iraq.html>>; "The Art Newspaper.com", <<http://www.theartnewspaper.com/iraqmus/index.html>>.

¹⁰ Estes poemas precedem a épica homérica de pelo menos mil e quinhentos anos. Além disso, o seu conteúdo faz delas uma linda fusão de aventuras, *exempla* éticas e tragédias. As ações das personagens mostram um interesse muito natural e humano para com a mortalidade, a busca da sabedoria e, entre outros, um refúgio do inevitável destino humano. Se Guilgamech não é o primeiro herói humano em absoluto, decerto é o primeiro herói trágico da história mundial transmitida por via escrita.

¹¹ Ver nota 9.

Além disso, os arquivos do Museu de Bagdade também foram destruídos, fazendo assim os danos ainda mais sérios e, conseqüentemente, tornando o processo de reconstrução extremamente árduo ou até quase impossível. Contudo, se não fosse pelo paciente trabalho de estudiosos e investigadores que durante mais de um século tiveram a paciência de listar, a maioria das vezes acompanhando-a com fotos, uma considerável porção destas obras de arte, eventualmente publicadas em livros, catálogos e panfletos, hoje não nos restaria nada e, além disso, seria até impossível fazer um cômputo aproximativo das obras perdidas, destruídas ou roubadas.¹²

Infelizmente a única fonte devidamente catalogada, com todas as entradas cuidadosamente inventariadas, é a obra de Faraji Basmachi, outrora grafado Basmah'ji, *Treasures of the Iraq Museum*, publicada em Bagdade pela Al-Huria Printing House, junto com a Al-Jumhuriya Press, em 1975-1976. Até hoje, como consequência dos saques do 12 de Abril de 2003, ainda não existem informações concretas e exactas sobre os objectos pilhados, as obras danificadas e, em medida maior, os artefactos que conseguiram escapar a tal destruição. Contudo, as imagens contidas neste precioso volume representam muitas das mais importantes peças das colecções do Museu Nacional de Arqueologia de Bagdade, a abranger quase cento e setenta mil exemplares.

No campo da pré-história, ao invés, a região de Kirkuk desvendou material do Paleolítico assim como do Mesolítico e, através desse, esclareceu muitas das dúvidas sobre o Neolítico e o Calcolítico. Infelizmente também neste caso a perda causada pela calosidade e insensatez humana foi grande. No sector histórico-político, as supracitadas descobertas do século XX ofereceram-nos mais informações acerca dos antigos impérios a reinarem em Síria durante a segunda metade do II milénio, assim como abriram o caminho para a maior compreensão dos códigos que precederam e seguiram o famoso Código de Hamurábi (sécs. XVIII-XVII antes da Era Vulgar). Além disso, escavações em zonas limítrofes, como no caso de Nimrud, trouxeram à luz obras de um valor inestimável, dado que muito seguramente estão a testemunhar o berço da civilização humana em quanto tal.¹³

Os trágicos saques do 12 de Abril apagaram um desmedido quinhão desta nossa herança cultural. Sem o nosso conhecimento da história da Mesopotâmia não podemos portanto perceber os acontecimentos que seguiram às civilizações Sumerianas, Babilónicas e Assiras. Em outras palavras, temos de “harmonizar” e “revisitar” a história da Anatólia, do antigo Egipto, da Índia, da antiga Pérsia, do Mediterrâneo Oriental, do Império Romano e, conseqüentemente, da Europa inteira para que todas estas culturas sejam um *continuum* com aquilo que as precedeu na Meia-Lua Fértil. Extin-

¹² O melhor site na Internet, sempre actualizado, a listar fontes que contenham informações sobre as obras de arte contidas no Museu Nacional de Bagdade é o portal da Universidade de Chicago: “Preliminary Bibliography of Books Documenting the Contents of the Iraq Museum, the National Library and Archives, and the MS Collection of the Ministry of Religious Endowments - All in Baghdad - As Well As of Other Damaged or Destroyed Collections in Baghdad or Elsewhere in Iraq Including Mosul, Basrah, Suleimaniyah, etc.”. <http://www.oi.uchicago.edu/OI/IRAQ/iraq_bibliography.html>.

¹³ Vejam-se, por exemplo, as obras dos seguintes antropólogos, arqueólogos e estudiosos os quais, de uma maneira ou outra, tenham contribuído à melhor compreensão desta vasta área geográfica: Albricht Göetze. *The Laws of Eshnunna*. New Haven: Department of Antiquities of the Government of Iraq, and the American Schools of Oriental Research, 1956; M.E.L. Mallowan. “The Excavations at Nimrud (Kalhu), 1956.” *Iraq* 19 (1957): 1-25; Claude F.-A. Schaeffer e Jean Nougayrol. *Le palais royal d'Ugarit III-IV*. Paris: Éditions “Je Sers,” 1955-1956; E. Szlechter. “Le code de Lipit-Istar.” *Revue d'assyriologie* 51 (1957): 57-82; 177-196; E. Szlechter. “Le code d'Ur-Nammu.” *Revue d'assyriologie* 49 (1955): 169-177; Donald Johnson Wiseman. *The Alalakh Tablets*. Londres: British Institute of Archaeology at Ankara, 1953; Leonard Woolley. *A Forgotten Kingdom*. Baltimore: Penguin, 1953.

guindo, roubando ou até vendendo para outrem artefactos provenientes desta área é um crime que não pode e não deve ficar sem punição.¹⁴

A história do antigo Oriente enquanto tal começa com os primeiros documentos escritos, nomeadamente, há mais de três milénios antes da Era Vulgar. Contudo, entre o fim do Mesolítico (10000-6000) e o começo do Neolítico (6000-4000) já se manifestam algumas mudanças fundamentais a marcar o começo da transição do nomadismo para uma vida sedentária e, com esta, a sucessiva fundação de vilas e cidades. Obviamente, a religião e a arte acompanharam tais evoluções humanas.¹⁵ Muito provavelmente a mais antiga concentração humana similar a uma vila poderia ter sido Jarmo, em Mesopotâmia, tendo como sua contrapartida cidadina Jericó, em Palestina, ambas com quase cinco mil anos de história.¹⁶ A existência de actividades religiosas e artísticas é-nos evidenciada pela presença de estátuas de barro, a maioria das vezes muito rudimentares, a representar uma mulher grávida sentada, aliás anteriormente já mencionada. A mãe-deusa, duplo símbolo de fertilidade e da Terra em geral, começa, assim, a expandir a sua influência por todo o Médio Oriente. Já com o fim do Neolítico a olaria dá os seus primeiros passos, sobretudo em Jarmo, Tell Hassuna e Matarra.¹⁷ A arte oleira continua até à época Calcolítica (4000-3000), dividindo-se, por sua vez, em múltiplas fases, distintas quanto ao tipo de olaria usada, à área geográfica da sua difusão e, consequentemente, da sua influência político-social. Gradualmente a arte e a técnica oleiras chegam à perfeição. Os antigos desenhos geométricos de outrora são agora substituídos por imagens mais sofisticadas de homens, animais e cenas de vida quotidiana, dando-nos assim mais informações sobre o homem e o seu habitat natural. Em Samarra, por exemplo, encontram-se imagens de aves, cabras, bodes e touros, coisas essas, a indicar claramente que a caça era ainda uma das actividades dominantes na zona.¹⁸ Dada a proximidade geográfica e a sua quase concomitância histórico-política, a Mesopotâmia exerceu uma enorme influência na cultura egípcia, assim como naquelas das suas congéneres vizinhas. Entre as contribuições mais salientes ressaltam a arte e a escritura.¹⁹ O saque, a destruição e pilhagem dos objectos de arte no Museu Nacional de Arqueologia de Bagdade marcaram portanto um momento negro não só

¹⁴O Departamento do Estado dos Estados Unidos da América, por exemplo, tem criado um site na Internet onde, além de explicar ao público as noções de Propriedade Cultural Iraquiana, também o ajuda a reconhecer obras de artes provenientes do Iraque e, consequentemente, como reagir e quem contactar caso isto aconteça: <<http://exchanges.state.gov/culprop/imfact.html>>.

¹⁵Para mais informações, vejam-se: Linda S. Braidwood. *Digging beyond the Tigris*. Nova Iorque: H. Schuman, 1953; Robert J. Braidwood. *The Near East and the Foundations for Civilization*. Eugene, OR: Oregon State System of Higher Education, 1952; Henry Frankfort. *The Birth of Civilization in the Near East*. 1951. Garden City, NY: Doubleday, 1956; Gordon V. Childe. *What Happened in History*. 1954. Baltimore: Penguin, 1964; Gordon V. Childe. *New Light on the Most Ancient East*. 1928. Nova Iorque: Praeger, 1953; R.S. Solecki. "Shanidar Cave." *Sumer* 11 (1955): 14-38; 124.

¹⁶Vejam-se, por exemplo: Robert J. Braidwood. "The World's First Farming Villages." *Illustrated London News*, 28 de Abril de 1956, 410-411; Kathleen M. Kenyon. *Digging up Jericho*. Nova Iorque: Praeger, 1957; Margaret Wheeler. *Walls of Jericho*. Londres: Chatto and Windus, 1956.

¹⁷Para mais informações, consultar: Robert J. Braidwood, L. Lloyd, F. Safar. "Tell Hassuna." *Journal of Near Eastern Studies* 4 (1945): 255-289; Robert J. Braidwood, Linda S. Braidwood, J.G. Smith e C. Leslie. "Matarra: A Southern Variant of the Hassunan Assemblage, Excavated in 1948." *Journal of Near Eastern Studies* 11 (1952): 1-75; André Parrot. *Archéologie mésopotamienne*. 2 vols. Paris: Éditions "Je Sers," 1953; Ann Louise Perkins. *The Comparative Archaeology of Early Mesopotamia*. Chicago: University of Chicago Press, 1949.

¹⁸Veja-se, por exemplo, o excelente artigo de Robert J. Braidwood, Linda S. Braidwood, E. Tulane e Ann Louise Perkins. "New Chalcolithic Material of Samarran Type and its Implications." *Journal of Near Eastern Studies* 3 (1944): 47-72.

¹⁹Para mais informações sobre os contactos e as influências com o Egipto e o resto da Meia-Lua Fértil, consultar: G.R. Driver. *Semitic Writing from Pictograph to Alphabet*. 2.^a ed. Londres, 1954; P. Gil-

pelo património histórico-arqueológico iraquiano, mas sobretudo pela história da humanidade inteira, dado que qualquer zona do orbe que contenha objectos de arte a testemunhar os rastros dos nossos antepassados pertence a cada um de nós, seja qual for a nossa proveniência étnico-nacional ou a nossa adesão político-religiosa. Objectos com mais de três mil anos de história são obras sagradas, contendo em si o espírito e a alma daqueles que nos precederam: homens e mulheres que lutaram para fazer deste Mundo um lugar melhor, composto por “gente civilizada”.

A Guerra do Iraque e, mormente, o violento, irracional e insensato saque do Museu Nacional de Arqueologia de Bagdade roubaram-nos de uma componente importante da herança cultural humana. Além disso, como já foi mencionado acima, a Biblioteca Nacional, a Biblioteca Islâmica e os Arquivos Nacionais do Iraque foram outrossim barbaramente incendiados. Em Mosul, a biblioteca universitária sofreu a mesma sorte: pilhagem e destruição completa puseram fim ao abastecimento das mentes humanas num lugar onde livre circulação de ideias e aprendizagem deveriam ser a norma e a regra. Tais eventos irracionais, insensatos e isentos de qualquer juízo são difíceis de entender; talvez nos façam lembrar do saque e destruição da famosa biblioteca de Alexandria pelas tropas de César no ano 48 da nossa era,²⁰ assim como da recente destruição (2001), pelos fundamentalistas talibãs, das duas estátuas enormes de Buda e da série de celas e santuários escavados na rocha na cidade afegã de Bamiam²¹, no alto do Hindu Kush, 420 km a oeste de Cabul, “que tanto impacto causaram em todo o Mundo”.²²

Concluimos fazendo nossas as palavras do “Manifesto contra a destruição do património histórico do Iraque”, com a esperança de que todos os seres humanos se unam a condenar tais actos que aniquilaram a nossa história, a nossa herança cultural colectiva, e com essas, os nossos primeiros rastros enquanto “homens civilizados”. Temos portanto a obrigação de guardar e preservar tudo aquilo que possa servir de exemplo das nossas capacidades intelectuais, humanas e científicas para assim transmiti-las à futura progénie do orbe terráqueo, óbvia e tristemente se este último ainda existir. Temos pois a extrema obrigação de continuar:

[...] a memória dos que nos precederam, construíram e legaram os bens patrimoniais universais de que, em cada tempo presente, apenas somos usufrutuários, sendo nosso dever passá-los em testemunho às gerações vindouras.²³

O passado é extremamente importante para as futuras gerações porque ao mesmo tempo realça o valor e a importância das contribuições daqueles que nos precederam e, ao mesmo tempo, fornece bons exemplos de êxitos e erros graves, os primeiros de emular, os segundos de evitar com toda a força. Possa a nossa progénie aprender só dos sucessos dos seus antepassados.

bert. “Synchronismes artistiques ente Egypte et Mésopotamie de la période thinite à la fin de l’Ancien Empire égyptien.” *Chronique d’Egypte* 52 (1951): 225-236; H.J. Kantor. “Further Evidence for Early Mesopotamian Relations with Egypt.” *Journal of Near Eastern Studies* 11 (1952): 239-250.

²⁰Fundada por Ptolomeu I em 290 e que, antes do fatídico incêndio, contava com mais de setecentos mil volumes.

²¹Outrora, nomeadamente em 1222, já alvo de destruição, desta vez por mão do mongol Gengiscão.

²²“Manifesto Contra a destruição do património histórico do Iraque. Luto nos museus de todo o Mundo”, in *Museu Nacional de Arqueologia*, <[http://mnarqueologia-ipmuseus.pt/?a=17\\$x=3](http://mnarqueologia-ipmuseus.pt/?a=17$x=3)>.

²³“Manifesto Contra a destruição do património histórico do Iraque. Luto nos museus de todo o Mundo”, in *Museu Nacional de Arqueologia*, <[http://mnarqueologia-ipmuseus.pt/?a=17\\$x=3](http://mnarqueologia-ipmuseus.pt/?a=17$x=3)>.